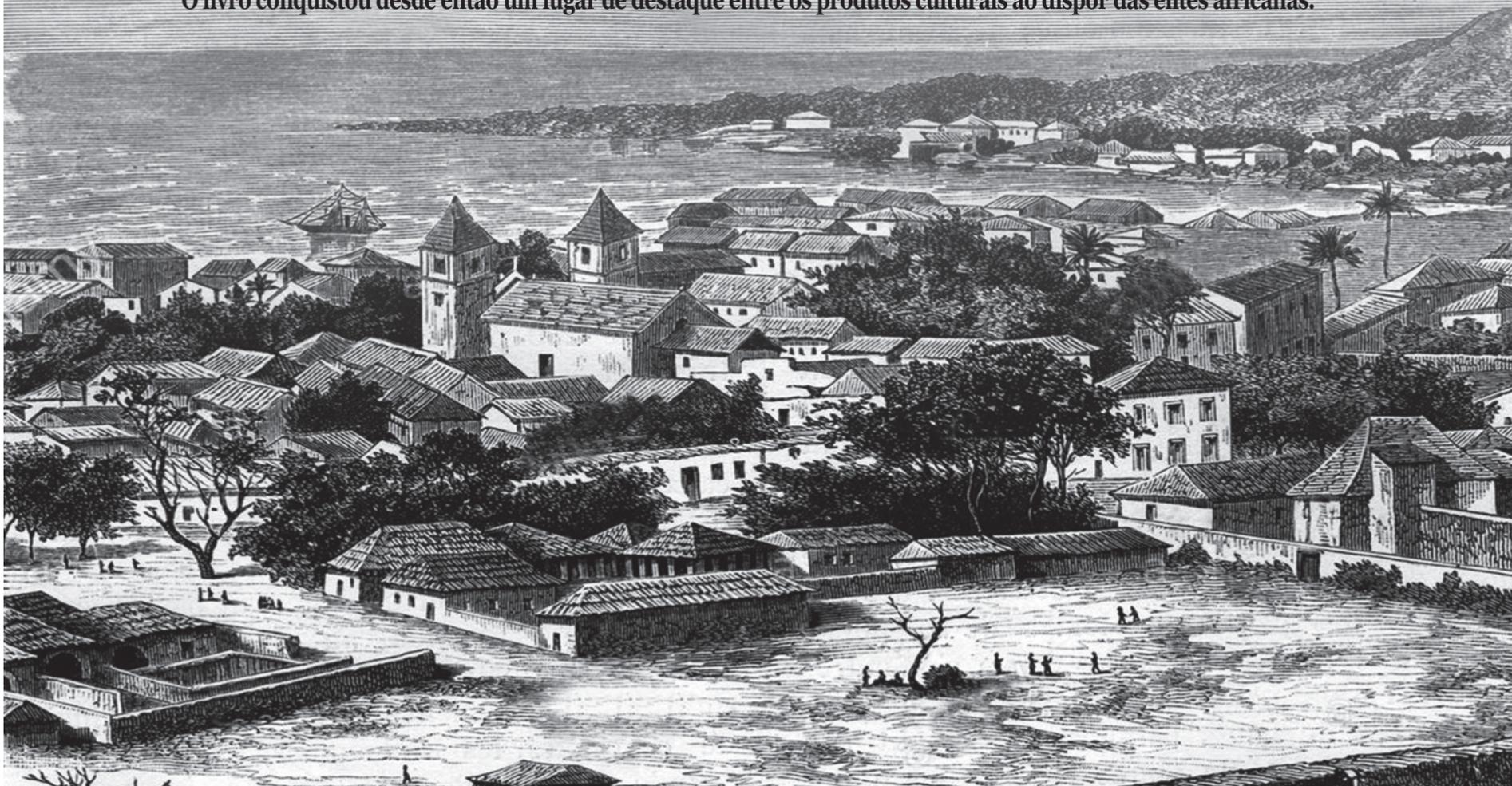


# Retrato Social de Luanda na Publicidade da Imprensa

O desenvolvimento da Imprensa Livre em Angola só foi possível porque nasceu na colónia, mais de três séculos antes, uma indústria gráfica bem equipada e servida por excelentes mestres tipógrafos.

O livro conquistou desde então um lugar de destaque entre os produtos culturais ao dispor das elites africanas.



### ECO DE ANGOLA

Pág.  
07

**Preparativos**  
do carnaval já  
agitam Luanda



### LETRAS

Pág.  
09

**Linguista**  
propõe vocabulário que  
concilie o novo e o antigo  
acordos ortográficos

### GRAFITOS NA ALMA

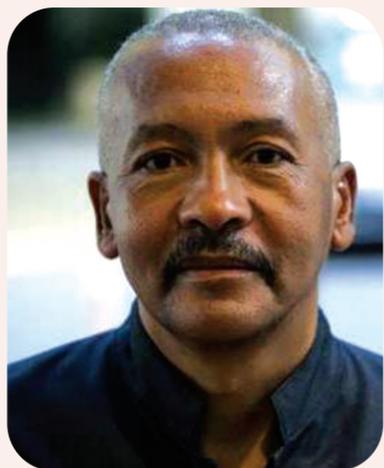
Pág.  
11

**Lucubrações**  
de um tempo  
Indefinido



## Pausa para reformas

O Jornal de Cultura fica, desde a presente edição, suspenso por um período, durante o qual vai sofrer reformas gráficas e editoriais. A intenção é alterar-lhe completamente conteúdos e forma, podendo até voltar à mão do leitor como revista. Aliás, o grupo Edições Novembro havia já anunciado essa possibilidade. Enquanto isso, um suplemento cultural passa a ser publicado, aos sábados, no Jornal de Angola, para preencher a necessidade de quem busca por mais informação cultural.



JOSÉ LUÍS MENDONÇA

1. No dia 5 de Abril de 2012, surgiu a público o primeiro jornal cultural angolano do pós-independência, na linha do pensamento que norteou o lançamento, em 1957, da revista 'Cultura', veículo de expressão da geração que dela herdaria o título.

Hoje, dia 10 de Fevereiro de 2020, este jornal volta a hibernar, tal como o seu antecessor, mas, desta feita, por razões meramente técnico-financeiras. Em seu lugar, a Edições Novembro, E. P. vai garantir, brevemente, como caderno especial do *Jornal de Angola*, a circulação da informação cultural sobre Angola e o Mundo. O director do jornal Cultura termina a sua missão à frente do mesmo, para se dedicar a outra missão na área de conteúdos da empresa.

2. Espelho ético miniatural da Cultura, âmbito de múltiplas e paradoxais dimensões, este jornal representou um objecto de culto concebido para resgatar alguns dos valores essenciais do nosso património ancestral, ao mesmo tempo que buscou valorizar o produto cultural e o estatuto do artista deste tempo.

Um objecto de Culto Especial que celebrou em liberdade os ideais da geração dos 'Novos Intelectuais de Angola' (1948) e da revista 'Mensagem'. Um objecto de Culto Especial que prolongou até à actualidade os postulados do movimento 'Vamos Descobrir Angola', criado em 1948 por Agostinho Neto, Viriato da Cruz, António Jacinto e Mário António, da Sociedade Cultural de Angola, fundada em 1942 e da sua revista 'Cultura', cujas vozes desbravaram as vias do modernismo da literatura angolana, tendo como denominador comum a identidade angolana.

Um objecto de Culto Especial concebido para promover o renascimento cultural do homem angolano, a partir da noção de Cidadania Cultural.

3. Com a plena consciência da missão cumprida, nos despedimos dos nossos habituais leitores, cientes de que, através das páginas do novo suplemento cultural a sair no *Jornal de Angola*, estaremos sempre a "criar com os olhos secos" até podermos "entrar no mundo com Voz Igual".



## Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

### Propriedade



**Sede:** Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda  
**Redacção:** 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344  
**Fax:** 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola  
**E-mail:** ednovembro.dg@nexus.ao

### Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

### Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior  
 José Alberto Domingos  
 Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril  
 Mateus Francisco João dos Santos Júnior

### Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva  
 Catarina Vieira Dias da Cunha

# Cultura

## Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 199/Ano VIII/ 10 de Fevereiro de 2020  
 E-mail: cultura.angolana@gmail.com  
 site: www.jornalcultura.sapo.ao  
 Telefone e Fax: 222 01 82 84

### CONSELHO EDITORIAL

#### Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

#### Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

#### Secretária:

Ilda Rosa

#### Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

#### Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),  
 Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa  
 e Waldemar Jorge

**Edição online:** Adão de Sousa

#### Colaboram neste número:

**Angola:** Joaúquio Marimbala, Leonel Cosme, Mário Pereira,  
 Mutambi Wa Cimene,

**França:** Corinne Renou-Nativel

#### FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,  
 Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, Obvious Magazine e  
 Engenharia é.

JANUÁRIO MARIMBALA

# Retrato Social de Luanda na Publicidade da Imprensa

O Boletim do Governo-Geral da Província de Angola começou a circular no dia 13 de Setembro de 1845, há 174 anos, sendo o primeiro jornal de língua portuguesa em África. Duas décadas depois, intelectuais angolanos animados pela ideia nacionalista, criaram os alicerces da “Imprensa Livre” em oposição à folha emanada do quartel-general do governador.

Em 1845, alguns meses depois da saída do primeiro número, a folha oficial dava uma notícia social. A Assembleia de Luanda, onde se juntava a alta burguesia europeia e africana, ia dar um baile em homenagem ao governador Pedro Alexandrino da Cunha. Nesse mesmo ano publicava um anúncio comercial. Valentim José Pereira dava nota pública de que comprava folhas de tabaco. Depois deste, muitos outros se seguiram de tal forma que a publicidade se tornou a base de sustentação económica da Imprensa Livre.

Os conteúdos do Boletim do Governo-Geral da Província de Angola, mais tarde apenas Boletim Oficial, foram objecto de um estudo de Mário António Fernandes de Oliveira, o poeta, ensaísta e sociólogo Mário António. É um trabalho notável que permitiu revelar o retrato social de Luanda nessa época. O autor analisou a publicidade de todos os números desde a fundação até 1851. Nesta fase a periodicidade era semanal. Saía aos sábados e era um autêntico acontecimento social.

Para o seu trabalho, intitulado “Aspectos Sociais de Luanda Inferidos dos Anúncios Publicados na Sua Imprensa”, Mário António analisou 560 anúncios. Mais tarde aprofundou o âmbito do seu estudo e analisou a publicidade inserida no Boletim Oficial entre 5 de Janeiro e 28 de Dezembro de 1861. Um ano inteiro. Nesta fase ainda não existia qualquer outra publicação com anúncios comerciais, pessoais e de serviços, de particulares ou do Estado.

O estudo de Mário António, publicado no Boletim do Instituto de Angola, número 18, referente aos meses de Janeiro-Abril do ano de 1964, revela um pormenor interessante quanto à tabela de publicidade. Em 1851 o pagamento era feito à palavra de duas ou mais sílabas. Em 1861 já era à linha e cada linha custava 100 réis, bastante dispendioso aos preços da época.

Em 1851, os anúncios publicitários oficiais eram a maioria. Mas dez anos depois, mais de 65 por cento da publicidade era de particulares. Os editais e avisos não atingiam os cinco por cento, em 1861. Era quase metade de toda a publicidade, dez anos antes. O Boletim Oficial caminhava a passos largos para um órgão de informação autónomo do Governo-Geral em termos de conteúdos, mas também financeiros graças à sua recheada carteira de publicidade.

Os anúncios sobre relações pessoais, em dez anos, tiveram um incremento

extraordinário. Estavam em quarto lugar no ano de 1851 e passaram para o primeiro lugar em 1861. Predominavam os agradecimentos às pessoas que acompanhavam os funerais, sempre encabeçados por uma banda musical, civil ou militar. A necrologia ocupava muito espaço e os textos eram redigidos no mais fino recorte literário.

Dos anúncios pessoais faziam parte as despedidas, sobretudo de funcionários do Estado, civis e militares, que terminavam as suas comissões de serviço. Mário António destaca que esses anúncios, redigidos com muito afecto, tinham uma faceta interessante: “eram acompanhados da declaração de nada se dever a ninguém”. E revela um caso particular: “O secretário-geral do Governo, José Alves Pinto de Balsemão, ao despedir-se afirma que aproveita o ensejo para declarar que sai de Loanda grandemente endividado, não de dinheiro, porque desse nada deve, mas de gratidão e reconhecimento”. (Boletim Oficial de 16 de Fevereiro de 1861).



*Em 1851, os anúncios publicitários oficiais eram a maioria. Mas dez anos depois, mais de 65 por cento da publicidade era de particulares.*



## Publicidade da Escravatura

Logo a seguir em volume vinham os anúncios respeitantes à escravatura. Portugal nesta época estava na vanguarda do abolicionismo, um movimento mundial que visava pôr fim ao negócio de escravos. No reinado de D. José, o Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo) publicou um decreto, em 12 de Fevereiro de 1761, no qual aboliu a escravatura em Portugal continental e na Índia. Mas o tráfico continuava no Brasil e nas colónias de África.

No início do século XIX, Inglaterra e Portugal decidiram abolir o tráfico de escravos em todos os seus territórios. Mas a compra e venda de seres humanos continuou mais ou menos à luz do dia. Em 1836, o governo de Lisboa pôs fim ao negócio de escravos, medida ignorada em Angola pelos escravagistas. A Igreja, em 1854, tomou uma decisão histórica: tornou libertos todos os seus escravos em África. Finalmente,



em 25 de Fevereiro de 1869, no reinado de D. Luís, a escravatura foi abolida “em todo o Império Português”. Tinha acabado o estado de escravidão, 33 anos depois da abolição do tráfico.

Pelos anúncios no Boletim Oficial, sabemos que não foi bem assim. E também ficámos a saber que o negócio incluía, além de escravos, moleques, libertos e carregadores. Na escravatura luandense, referente ao estudo de Mário António, além da compra e venda de escravos, há também anúncios sobre o aluguer, sobretudo daqueles que tinham um ofício: tanoeiros, pedreiros, carpinteiros, lavadeiras, cozinheiras ou amas de leite.

## Romance Íntimo

Pedro Félix Machado, luandense, poeta parnasiano e romancista do século XIX, publicou o livro “Cenas de África” com o subtítulo “Romance Íntimo” onde descreve a realidade da escravatura em Luanda:

“Restavam-lhe uns dez ou doze libertos. Os escravos haviam tomado esta eufémica denominação, por um decreto que, dizendo acabada a es-

cravatura, obrigava os que antigamente haviam sido escravos, a trabalhar por dez anos para os senhores, regulamentando-lhes o serviço, obrigando estes ao registo deles e estabelecendo-lhes direitos.

“Mas tão hipotéticos eram esses direitos, que todas as madrugadas ecoavam pela cidade os gritos angustiosos dos desgraçados libertos, que os patrões mandavam surrar oficialmente ao quartel do Carmo.

“Por trás da Igreja do Carmo situada em um dos pontos mais altos da cidade – encostada à parede do altar-mor, era a enxovia do quartel da polícia e nas grades da porta dela amarravam-se os desgraçados que os patrões, sem outra formalidade do que a requisição do castigo, mandavam ali, a fim de serem flagelados desapiadadamente, mediante o pagamento de uma tantos réis (moeda da época) por cada açoite.

“E já era um grande passo para a civilização, porque evitava os abusos que os donos de escravos praticavam quando os castigavam em casa – o que nesta época era proibido”.

**Livres mas Foragidos**

Na publicidade do Boletim Oficial (ano de 1861) mais de 65 por cento dos anúncios são denúncias de fugas de escravos. A legislação em vigor permitiu à população escrava lutar pela sua libertação e fugir aos donos. Mário António encontrou uma declaração interessante publicada no Boletim Oficial e paga à linha: “Damião Luís António dos Santos, filho de Esperança Mateus, ambos naturais do concelho do Golungo Alto, divisão de Ngonguembo, não é escravo, como alguém o quer considerar, e sim livre de origem. Em consequência protesta pôr acção crime contra quem turbar a sua liberdade. E aquele que se julgar com direito a escravizá-lo é empraçado pelo presente anúncio, para propor acção de escravidão no espaço de três meses a contar da data deste anúncio”.

O liberto confrontava o antigo dono.



*“A 26 de Outubro de 1860 fugiram a Manuel de Paula Barbosa, 33 escravos ladinos, da sua feitoria de apanha de urzella ao sul de Benguela, para o sítio denominado pela gentio Mundo Evambo”.*



## Publicidade de Imóveis

A maioria dos anúncios de imóveis do Boletim oficial no ano de 1861 refere-se à troca de propriedades rurais (arimos e musseques ou moceques, na grafia da época) por casas dentro de Luanda.

A venda de “moceques” na periferia da cidade ocupa grande espaço no jornal oficial. Mas começaram a surgir, em grande número, propostas de troca, como esta, anunciada no Boletim Oficial do dia 7 de Setembro de 1861: “Troco por uma morada de casa nesta cidade, o arimo Miginge, com 230 braças de frente, situado no distrito da Barra do Bengo”.

Mário António estudou o valor dos arimos e concluiu que os seus preços variavam entre 125 e 360 mil réis. Essas propriedades rurais eram valorizadas se existia no seu interior uma lagoa, estavam na proximidade de um rio ou tinham escravos. Os musseques, propriedades rurais na periferia de Luanda, eram cercados por sebes de cassoneiras e tinham o nome dos seus proprietários: Magalhães Silva, Flores, Vandunem, Rangel, Braga ou Marçal. Alguns têm hoje a mesma designação.

E ameaçava-o com os Tribunais. Os anúncios da época revelavam fugas em massa de escravos e ameaças dos donos em procederem contra quem os retivesse. Os tempos estavam a mudar. Luanda aos poucos deixava de ser paraíso de escravagistas.

Nos anúncios de fuga de escravos, é possível concluir que a maior parte dos fugitivos eram “negros retintos”, a maioria era originária da Quissama ou do Congo e entre os motivos da fuga imperavam “o amor e a rebelião”. Durante o ano de 1861 apenas um anúncio referia a fuga de um escravo por ter roubado o dono.

No Boletim Oficial de 20 de Julho de 1861 um anúncio revela os ventos de mudança empurrados pela legislação abolicionista:

“A 26 de Outubro de 1860 fugiram a Manuel de Paula Barbosa, 33 escravos ladinos, da sua feitoria de apanha de urzella ao sul de Benguela, para o sítio denominado pela gentio Mundo Evambo,

os quais, regressados, saquearam a propriedade, assassinaram o empregado e fugiram com mais 60 escravos”. O dono dos escravos fugitivos pedia a intervenção militar contra os homens livres, na condição de foragidos.

Todos os anúncios oferecem chorudas recompensas, entre quatro e 50 mil réis, a quem ajudar a localizar os escravos fugitivos. Em alguns casos os anunciantes faziam uma apreciação estética, sobretudo das fugitivas, como neste anúncio: “Uma escrava da viúva Melo, bastante ladina e da nação Quissama, de nome Sofia, bonita e bem feita, levou vestido de riscado azul, lenço encarnado no pescoço, tem o cabelo bastante longo, desconfia-se que foi seduzida”.

A abolição da escravatura estava a lançar Luanda numa crise económica sem precedentes. Durante o ano de 1861 a maior parte dos anúncios da vida comercial

eram convocatórias de devedores ou credores, dissolução de sociedades falidas e venda de bens de consumo como roupas de uso, móveis e tecidos.



## Publicidade de Serviços

Nos serviços, a maioria dos anúncios tinha a ver com Ensino, Advocacia e Medicina. Durante o ano de 1861 foram publicados no Boletim Oficial dezenas de anúncios com ofertas de educação à juventude luandense, quase todos de um liceu particular acabado de fundar em Luanda e de um colégio privado em Lisboa.

Na Medicina, o Boletim Oficial publicava anúncios que ofereciam cuidados médicos e de enfermagem. Mário António encontrou no exemplar de 22 de Junho de 1861 publicidade anunciando uma novidade, a homeo-

patia, praticada pelo “Dr. Santos”, um homeopata formado na Universidade da Baviera, professor na Escola de Homeopatia do Rio de Janeiro e sócio correspondente da Sociedade de Medicina Prática de Angola.

Até final do século XIX Luanda assistiu à multiplicação de ervanários que praticavam uma medicina tradicional e curavam as doenças com medicamentos manipulados à base de ervas que recolhiam em todo o país. O mais famoso médico e ervanário, no início do século XX, foi Gomes Sambo músico de grande prestí-

gio, que dirigia uma banda filarmónica. Foi coronel do Exército Português e comandou vitoriosamente batalhas contra os reis do Bailundo.

Como recompensa, o Governo-Geral de Angola ofereceu-lhe vastos terrenos na Caála, onde cultivava plantas medicinais que depois vendia na sua ervanária de Luanda e na que abriu na então Nova Lisboa (Huambo). A vereação da Câmara municipal da capital do Planalto Central, depois da sua morte, decidiu atribuir o seu nome a uma rua.

Na época as ervas medicinais tinham um papel decisivo na cura e prevenção de doenças em Luanda e em todo o país. Sambo foi o mais importante de todos os ervanários angolanos e o mais bem-sucedido quimbanda.

O estudo de Mário António permite constatar que na Advocacia, as atividades forenses estavam maioritariamente a cargo de solicitadores e dos chamados advogados provisionários. No Boletim Oficial de 4 de Maio de 1861, um “solicitador de causas encartado” publicou o seguinte anúncio: “Ofereço-me para tratar de causas cíveis, crimes e comerciais em primeira e segunda instância, bem como em grau de revisitas, processos para casamentos, dispensas de nunciaturas, ordens de eclesiásticos, breves da Santa Sé de Roma, negócios de todas as Secretarias de Estado e Repartições Públicas, cobranças de dívidas por comissão e empréstimos sobre hipotecas”.

Nas folhas oficiais são também anunciadas ofertas de serviços de transportes marítimos, de ofícios religiosos e todas as áreas da construção civil. Nas páginas do Boletim Oficial é revelado o retrato de uma Luanda mergulhada numa crise económica causada pelo fim da escravatura. A liberdade começava a ganhar espaço, sobretudo na Imprensa.



## A Lista dos Jornais

Angola teve dezenas de periódicos entre 1850 e o final do Século XIX. Vale a pena conhecer a lista completa, porque ela revela que a colónia neste aspecto era mais forte do que a potência colonial. Publicações de Imprensa em Luanda: Boletim do Governo-Geral da Província de Angola (1845), Almanak Statístico da Província d'Angola e suas Dependências (1852), A Aurora (1856), A Civilização da África Portuguesa (1866), O Commercio de Loanda (1867), O Mercantil (1870), Almanach Popular (1872), O Cruzeiro do Sul (1873), O Meteoro (1873), Correspondência de Angola (1875), Jornal de Loanda (1878), Noticiário de Angola (1880), Boletim da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Geographico-africanos de Loanda (1881), Gazeta de Angola (1881), O Echo de Angola (1881), A Verdade (1882), O Futuro d'Angola (1882), A União Africo-Portuguesa (1882), O Ultramar (1882), O Pharol do Povo (1883), O Raio (1884), O Bisnagas (1884), O Arauto dos Concelhos (1886), A Tesourinha (1886), O Serão (1886), O Rei Guilherme (1886), O Progresso d'Angola (1887), O Exército Ultramarino (1887), O Imparcial (1888), O Foguete (1888), Mukuarimi (1888), Arauto Africano (1889), Nuen'exi (1889), O Desastre (1889), Correio de Loanda (1890), O Chicote (1890), O Polícia Africano (1890), Os Concelhos de Leste (1891), Notícias de Angola (1891), Commercio d'Angola (1892), A Província (1893), O Imparcial (1894), o Independente (1894), Bofetadas (1894), Propaganda Colonial (1896), O Santelmo (1896), Revista de Loanda (1896), Propaganda Angolense (1897), A Folha de Loanda (1899).

Em Benguela: O Progresso (1870) e A Semana (1893).

Em Moçâmedes (Namibe): Jornal de Mossamedes (1881), Almanach de Mossamedes (1884), O Sul d'Angola (1892), A Tesoura (1892), A Tesourinha (1892) e A Bofetada (1893).

Na Catumbela: A Ventosa (1886). No Ambriz: A Africana (1893). Angola, no século XIX tinha 59 jornais. Em Luanda foram editados 49, seis em Moçâmedes (Namibe), dois em Benguela e um no Ambriz.



## Jornalistas Angolanos

O jornal Echo de Angola (12 Novembro de 1881) foi o primeiro jornal exclusivamente propriedade de angolanos e cuja Redacção era composta também por jornalistas negros. Entre os seus redactores estava José de Fontes Pereira, justamente considerado um mestre do jornalismo luandense do último quartel do século XIX. Quando faleceu, era o decano dos jornalistas angolanos. Sant'Anna Palma, outro jornalista negro, no seu elogio fúnebre, afirmou que era o melhor entre os melhores.

José de Fontes Pereira recusou o clima panfletário da época, as polémicas e fez um jornalismo inteligente e sóbrio. Colaborou em várias publicações de Urbano de Castro, mas deu sempre uma nota de sobriedade, rigor e grande profissionalismo.

João Ressurreição Arantes Braga, jornalista angolano negro, é fundador do jornal Pharol do Povo, subtítulo Folha Republicana. Foi o primeiro jornal de Angola que em plena monarquia, numa fase de tremenda repressão, se declarou defensor dos ideais republicanos. É considerado o mais arguto jornalista africano na produção de jornalismo político.

Pedro da Paixão Franco foi o mais mediático de todos os



*O livro História de uma Traição era muito crítico de algumas famílias tradicionais. Mas Pedro Paixão Franco era também oriundo de famílias da burguesia negra.*



jornalistas africanos negros do século XIX. Além de jornalista, foi escritor de mérito, deixando a obra em dois volumes, História de uma Traição. Colaborou em praticamente todos os grandes jornais portugueses da época, assinando artigos despachados de Luanda, muito apreciados pelo público leitor. Além de jornalista e escritor, Pedro da Paixão Franco foi funcionário dos Caminhos-de-Ferro de Malanje. A sua certidão de óbito diz que morreu de pneumonia. Mas Pedro da Paixão Franco terá sido envenenado por uma bela senhora luandense que o seduziu e chamou para uma armadilha. Antes de morrer ainda teve tempo de revelar com quem esteve e o que comeu e bebeu em casa dessa senhora.

O livro História de uma Traição era muito crítico de algumas famílias tradi-



Em 1514, já existiam no reino do Congo escolas em Sundi ou Nsundi, Bamba ou Mbamba, Bata ou Mbata e Pango ou Mpangu.



cionais. Mas Pedro Paixão Franco era também oriundo de famílias da burguesia negra. Sua mãe era Maria Francisca de Assis e seu pai Pedro da Paixão Franco. Ambos pertenciam à alta burguesia da época. Ao escrever e publicar o livro assinou a sua sentença de morte. A obra, em dois volumes, foi despachada da cidade do Porto (onde foi composta e impressa nas oficinas do jornal O Primeiro de Janeiro) para Luanda. Quando o caixote com os volumes estava na Alfândega, desapareceu e ao que se sabe, foi queimado. Sobraram alguns exemplares que Pedro da Paixão Franco recebera na mala do correio. Nos anos 50 do século XX o povo ainda cantava canções em kimbundu de homenagem a Pedro da Paixão Franco.

Augusto Bastos e Júlio Lobato também começaram a sua carreira profissional nos finais do século XIX mas tiveram grande importância na imprensa angolana das primeiras décadas do século XX, já tinha nascido a Imprensa Industrial, servida por mestres tipógrafos formados nas oficinas da Imprensa Nacional e, mais tarde, da Casa dos Rapazes, instituição da Igreja ao serviço de crianças desvalidas.

Augusto Bastos foi jornalista, músico, artista plástico, linguista, matemático e o primeiro escritor angolano a desenvolver o género policial em folhetins que tinham o título genérico Aventuras do Repórter Zimbro.

#### A Arte de Imprimir

O desenvolvimento da Imprensa Livre em Angola só foi possível porque nasceu na colónia, mais de três séculos antes, uma indústria gráfica bem equipada e servida por excelentes mestres tipógrafos. O livro conquistou desde então um



lugar de destaque entre os produtos culturais ao dispor das elites africanas.

No reinado de D. Afonso I (Mbemba-a-Nzinga) chegaram milhares de “cartinhas” ou cartilhas ao Congo, para ensinar as crianças a ler e escrever. Claro que entre os milhares de livros se encontravam catecismos para ensinar a fé cristã.

As primeiras “cartinhas” ou cartilhas de ABC impressas em Leiria chegaram ao Congo em 1515, em pleno reinado de D. Afonso I. Mas ainda não foi desta vez que os portugueses enviaram para o manicongo uma oficina de imprimir.

A primeira tipografia foi para a Etiópia, enviada por D. Manuel, em 1515. A primeira oficina de tipografia chegou a Mbanza Congo alguns anos depois. Mas antes, em 1490, foram de Portugal para o Congo dois mestres impressores. Levavam na bagagem caixotes com tipos e caracteres. Essa “embaixada” nada tinha a ver com os jesuítas, mas com os Cónegos Tipógrafos de Leiria, pertencentes ao Colégio de Santa Cruz de Coimbra. E é certo que começaram a imprimir cartilhas.

Só assim se justifica a existência de muitos padres e mestres de latim e língua portuguesa, quando D. Afonso I do Congo (Mbemba-a-Nzinga) ascendeu ao trono, em 1507.

Os mestres eram todos congoleses formados em Portugal no Colégio dos Lóios e as cartilhas impressas nas oficinas congolesas. O nascimento em Luanda das oficinas da Imprensa Nacional é corolário da evolução das artes gráficas, ao longo dos séculos, em Mbanza Congo e Luanda, onde na época quinhentista foi igualmente montada uma tipografia, no convento dos Jesuítas, por trás da igreja da Nazaré.

## Mário António

Esta reportagem serve para assinalar os 174 anos do primeiro jornal impresso e posto a circular em Angola, impresso em Luanda, nas oficinas gráficas do Estado hoje ainda existentes: A Imprensa Nacional. Tem como base um estudo notável de Mário António Fernandes de Oliveira, político angolano fundador do Partido Comunista e do MPLA, sociólogo e um dos mais importantes nomes da poesia de língua portuguesa, tendo um lugar de honra na Literatura Universal.

Mário António (1934-1989) foi o mais inspirado poeta de Luanda e um dos primeiros intelectuais a levantar bem alto a Bandeira da Independência Nacional. Da sua vasta obra apresento um dos seus mais conhecidos poemas, musicado e cantado por mestre Rui Mingas:

#### Noites de luar no Morro de Maianga

"Anda no ar uma canção de roda:/"Banana podre não tem fortuna/Fru-tá-tá, fru-tá-tá..."/Moças namorando nos quintais de madeira/Velhas falando conversas

antigas/Sentadas na esteira/Homens embebedando-se nas tabernas/E os emigrados das ilhas.../– Os emigrados das ilhas/Com o sal do mar nos cabelos/Os emigrados das ilhas/Que falam de bruxedos e se-reias/E tocam violão/E puxam faca nas brigas.../Ó ingenuidade das canções infantis/Ó namoros de moças sem cuidado/Ó histórias de velhas/Ó mistérios dos homens/Vida!:/Proletários esquecendo-se nas tascas/Emigrantes que puxam faca nas brigas/E os sons do violão/E os cânticos da Missão/Os homens/Os homens/As tragédias dos homens!"



# Preparativos e ensaios

## *Carnaval já agita cidade de Luanda*

A aposta na criatividade e singularidade no Carnaval de Luanda é a aposta do grupo União Recreativo Kilamba, que já começou os preparativos e ensaios para revalidar o título este ano. O comandante do grupo, Poly Rocha, disse ao Jornal de Angola, que a constante aposta na inovação os permitiu atrair inúmeros fãs e conquistar dois títulos, consecutivos, do Carnaval de Luanda, em 2018 e 2019. Por isso, acrescentou, força de vontade e determinação têm sido as palavras chaves utilizadas para descrever a preparação do grupo, do Distrito Urbano do Rangel, que realiza os ensaios há meses, de forma a darem um show a altura, capaz de os garantir um dos três primeiros lugares da edição deste ano, cujo acto central está marcado para 25 de Fevereiro, na Marginal da Praia do Bispo, em Luanda.

Poly Rocha confirmou que o grupo vai continuar a trabalhar para estar nos lugares cimeiros da “festa do povo”, sempre com a marca da criatividade, usada desde a criação do Recreativo Kilamba, há quatro anos. Mesmo sendo o quarto a desfilar, o comandante prometeu levar muita cor, luz, emoção e alegria, quando chegarem a Marginal da Praia do Bispo. “Estamos a preparar, há meses, um enredo pertinente, trabalhado ao pormenor por muito. Ainda é uma surpresa, mas temos seis temas em carteira. Um deles vai ser o escolhido”, contou.

Entretanto, a Associação Provincial do Carnaval de Luanda (APROCAL) estipulou um orçamento de 180 milhões de Kwanzas para a realização do Entrudo na capital angolana, em 2020. O valor em causa servirá para apoiar os grupos, tendo em conta a aquisição de material, e para os prémios destinados aos cinco primeiros



colocados nas três classes (A e B, em Adultos, e infantil).

Os desfiles do Carnaval de Luanda marcados para os dias 22, 23 e 25 na Nova Marginal vão contar com a participação de 44 grupos, sendo 13 da classe A, 16 na classe B (adultos), e 15 na categoria infantil. De acordo com o secretário-geral da APROCAL, António de Oliveira Delon, em declarações à Angop, a expectativa é de se ter um Carnaval a altura dos 45 anos de independência nacional.

Por sua vez, o director do Gabinete Provincial da Cultura, Turismo, Juventude e Desportos, Manuel Gonçalves, afirmou que os valores estão assegurados. O responsável explicou que o Ministério da Cultura apenas subsidia os grupos e estes são sempre conse-

lhados a procurar parcerias para acautelar a questão financeira.

Para Manuel Gonçalves, os colectivos carnavalescos devem criar mecanismos de sustentabilidade para se fortalecerem.

Como exemplo apontou os grupos União Kiela, União Recreativo do Kilamba, União Njinga a Mbande que têm estado a se organizar antecipadamente por perceberem como deve funcionar os grupos carnavalescos.

Reiterou a necessidade de pautarem pela qualidade de enredo, indumentária, pontualidade, organização como forma de demonstrarem um festival adequado.

O título na classe A está em posse do União Recreativo do Kilamba.

A circulação automóvel na Avenida

António Agostinho Neto (Nova Marginal), na capital angolana, está parcialmente condicionado a desde domingo, 09, até ao dia 27 deste mês, devido ao processo de montagem de estruturas para o Carnaval 2020.

Entre 25 a 27 será outra vez parcialmente interrompido para permitir o processo de desmontagem do equipamento.

O acesso ao Hotel Baía está garantido por vias alternativas, incluindo as vias que dão acesso ao Hospital Josina Machel/Praia do Bispo ou o Palácio Presidencial/Praia do Bispo.

Contudo, uma mesa redonda sobre o Carnaval em Angola: Perspectivas e Desafios destinado a recolha de contribuições dos actores carnavalescos para a introdução de alterações ao figurino do Carnaval nacional e uma maior e melhor exploração dos valores culturais marcou igualmente a abordagem dos preparativos sobre o evento.

O evento, que reuniu o Executivo e diversos segmentos culturais, teve ainda como objectivo encontrar outras formas de financiamento do Carnaval, reduzindo o peso desta actividade no Orçamento Geral do Estado (OGE).

Ainda na vertente carnavalesca, ao longo da semana, o secretário de Estado para as Indústrias Criativas e Culturais, João Pedro Lourenço, anunciou a intenção da criação de um plano estratégico, no período 2021/2025, para garantir a eficiência e autonomia dos grupos carnavalescos.

Pretende-se que o Estado actue como regulador, criando políticas para que os grupos se transformem em associações, com capacidade organizativa e participação exitosa nas exposições, sem descurar o papel do Estado, por via do Ministério da Cultura.

LEONEL  
COSME

Como costumo fazer antes de decidir ler um livro inesperado, fui dar uma vista de olhos às referências que, nas badanas, primeiras e últimas páginas, são feitas à obra e ao autor. Então vejo, na contracapa, um excerto de Rodrigues Vaz: "(Este livro) é um dos primeiros frescos abrangendo os anos de brasa das duas décadas iniciais do processo de independência nacional de Angola; o tom baladíssimo que sublinha a odisseia do grupo de desadaptados amigos do narrador acaba por exigir essa desmedida; afinal Angola é assim mesmo, desmedida, e a sua realidade ainda muito mais".

A seguir, leio na primeira página, em Nota do Editor (Jesus Domingos), dirigida aos leitores: "Ler é extrair e atribuir significados, assim auguramos boa leitura e desejamos que esta obra faça uma grande revolução na sua vida e matutação da Política como um encanto, uma oportunidade de felicidade para todos e dizime a diferença entre os angolanos."

E na página imediata, em Breve explicação, o autor diz que neste livro, escrito em Paris entre 2010 e 2012, acrescenta a outro anterior "acontecimentos e descrições de factos históricos omitidos ainda num tempo de excessiva auto-censura".

Agora mais desperto para a leitura integral da obra em apreço, vou ao começo e leio: "O reino de Primitivo não era deste mundo. Aos 30 anos de idade, o único capital que havia acumulado era uma velha e ensebada caixa de cartão, sua cama de dormir. Porém, Primitivo conservava no coração um capital incorpóreo muito mais valioso: uma còdea de comunhão humana magnetizando o tempo e o espaço. Foi este capital intangível que me fez dar de caras com ele, na Ilha de Luanda, dez anos depois dos trágicos acontecimentos do 27 de Maio de 1977."

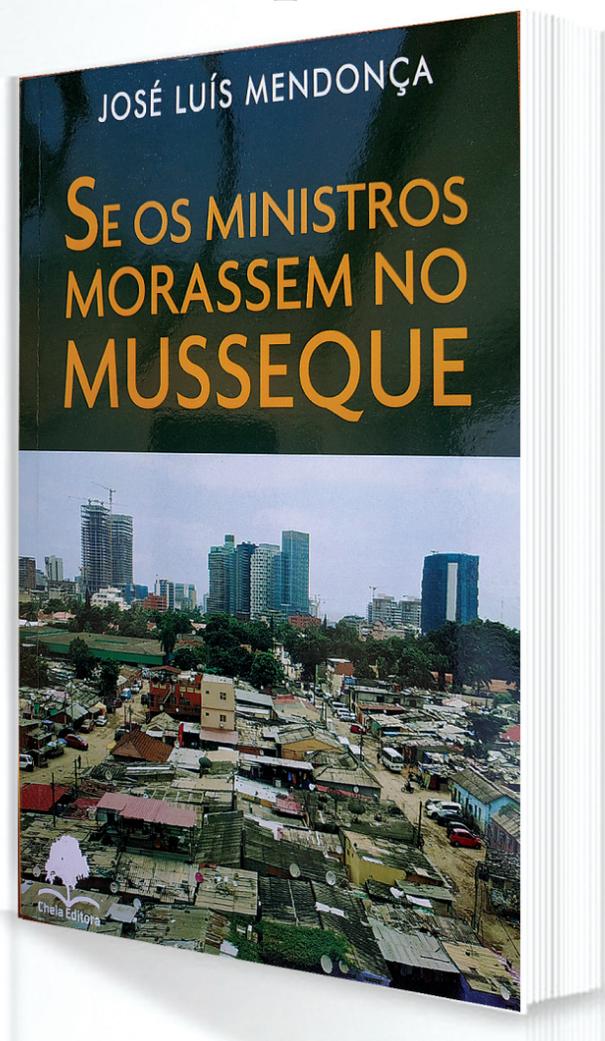
Intrigado, vou às últimas páginas para ver se haveria alguma relação com aquela data dramaticamente histórica, dez anos passados. E à vol d'oiseau, vou lendo:

"Os olhos de Primitivo reflectiam o intenso azul celeste daquela terça-feira de lua cheia, 14 de Abril de 1987. A mão esquerda penetrava no bolso exterior direito da velha calça militar. Instintivamente, a minha mão seguiu aquela mão fuliginosa e resgatou um envelhecido caderno escolar:(...)

A sua volta, e nas posições mais centripetas em relação ao morto fundamental, jaziam os seis companheiros da monárquica cidadania com os quais partilhara os derradeiros anos da sua estóica peregrinação neste mundo. Estavam prostrados ao redor das cinzas do fogo

*Se os Ministros Morassem No Musseque*

## Um livro para ler e ver



da véspera, onde repousava um resto de café no fundo da lata de leite nido sobre as pedras negras. Apresentavam-se com esgares de angústia nos dentes cerrados, uns, e nas bocas retorcidas, outros. A vinte centímetros da altura da ca-

beça do Povo do Volvo, com os óculos postos e o chapéu tombado algures, descia em traços de óleo de motor queimado que embebia o pincel de retalhos meio solto dos finos dedos da mão, o derradeiro e sinuoso grafito na parede

com a seguinte frase lapidar de Cícero: o tempora, o mores!(...)

O cenário parecia outra Guernica, um novo quadro de Picasso a respirar controvérsia e profunda compaixão. Quando me levantei com o caderno testamentário do Primitivo na mão, decidi, numa última esperança de sobrevivência, tocar na veia jugular de cada um para detectar possíveis sinais vitais. (...) Então, do fundo da sua rastejante calosidade humana, levantou a mão direita que sustinha um pacote vazio de veneno dos ratos e, com um sombrio sussurro de térmitas, rasgou a boca num sorriso impenitente e praguejou, Seus filhos da puta, queriam governar sem mim. né?"

É assim que o escritor-narrador, José Luís Mendonça, termina uma narrativa multifacetada: romance, crónica jornalística, ensaio histórico e autobiografia, enquadrando um período axial da formação da República Popular de Angola, em que a guerra de libertação colonial, a guerra civil nacional, o fraccionismo, a instauração de um Estado autocrático e a ascensão ao poder político e económico da franja social adjacente, civil e militar, levaram Angola à situação presente, que o autor deste livro considera que seria diferente se os ministros morassem no musseque e vissem os grafitos que se pintam nas paredes, qual vox populi, vox Dei.

A referência ao famoso quadro de Picasso lembrou-me o momento em que o pintor, fugido para Paris à guerra civil espanhola, quando perguntado por um oficial nazista, que apontava para uma foto de Guernica, se tinha sido ele quem fizera aquilo, Picasso respondeu "Não, foram vocês". E então pensei que este livro, em que a imaginística determinava a linguagem e o estilo (e o estilo é o homem, dizia Buffon), devia ser "visto" e não só "lido", tal como se aprecia uma pintura cubista, que considerada uma arte conceptual, "não deve querer apenas copiar as coisas, devendo penetrá-las, tornando-nos nós próprios em coisas" – como a (e se) definiu o pintor cubista Georges Braque.

Alguns leitores deste livro singular questionarão se ele deverá inserir-se na classificação de literatura angolana. Quem, como eu, entender que não é só a intenção e a forma, a representação da paisagem e do léxico, que naturalizam uma literatura e nacionalizam uma identidade, as referências do escritor – como defendeu o escritor Roland Barthes, falando sobre o estilo, "estão ao nível de uma biologia ou de um passado, e não de uma História: ele é a 'coisa' do escritor, o seu esplendor e a sua prisão, é a sua solidão. Indiferente e transparente à sociedade, gesto fechado da pessoa, não é produto de uma escolha, de uma reflexão sobre a Literatura. É a parte privada do ritual, eleva-se a partir das profundezas míticas do escritor, e expande-se fora da sua responsabilidade."

Eu acrescentaria, parafraseando um dos meus autores de cabeceira, Albert Camus, que "a história mais não é que o esforço desesperado dos homens para dar corpo aos mais clarividentes dos seus sonhos".

A polémica instalou-se há cerca de 10 anos, quando, em 2009, o novo Acordo Ortográfico entrou em vigor em Portugal, Brasil e Cabo Verde, no entanto a discussão já tem quase 30 anos. Tudo começou no dia 16 de Dezembro de 1990, quando os países de língua oficial portuguesa se juntaram em Lisboa para assinar um tratado internacional que visava unificar a ortografia utilizada por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

O certo é que este novo Acordo Ortográfico de 1990 (AO90) não está em vigor nem em Angola nem em Moçambique, o que leva os críticos a defenderem a sua ilegalidade. Existe uma profunda clivagem entre falantes do português, que leva a que o país se divida quanto à grafia utilizada.

Atento aos conflitos e consequente fenómeno, o linguista e investigador D'Silvas Filho elaborou o Novo Vocabulário Ortográfico – Conciliador do Acordo de 1990 com a Norma de 1945, uma proposta que aproveita o que o chamado «novo acordo» tem de positivo e devolve o que se deveria ter conservado da equilibrada Norma de 1945.

«Não existe um vocabulário que seja efectivamente único, orientador, para todos os países, falseando o espírito do AO90.» Para D'Silvas Filho, esta falha proporcionou a existência de três variedades da língua, compostas por: falantes que escrevem com a antiga grafia, falantes que escrevem com a nova grafia e falantes que, desconhecendo as alterações, oscilam entre ambas e inventam palavras.

#### Solução de meio-termo

No Novo Vocabulário Ortográfico – Conciliador do Acordo de 1990 com a Norma de 1945, o autor defende uma solução de meio-termo que preserve as virtualidades do idioma, segue o critério adoptado pelo vocabulário da Academia Brasileira de Letras de aceitar duplas grafias legais, que permitam a escolha livre do falante.

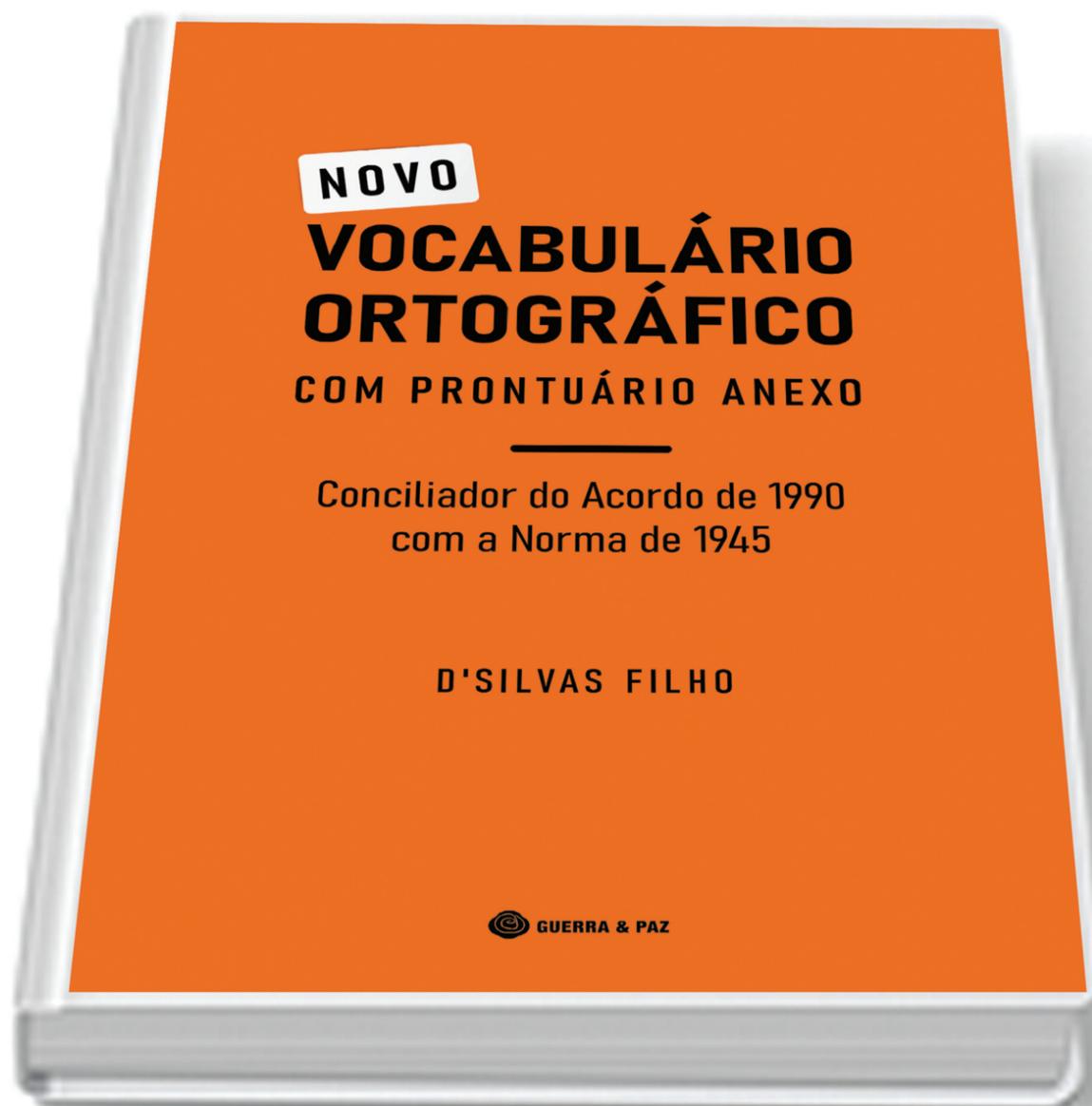
Reafirma a defesa das consoantes não articuladas, recusa palavras inventadas posteriormente e evita ambiguidades, recuperando a distinção entre compostos e locuções.

O consultor do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, defende, sem se desviar da generalidade do AO90 e da Nota Explicativa, que, enquanto existirem países lusófonos fiéis à grafia do antigo acordo, este não poderá ser esquecido em Portugal.

Um livro composto pelo enquadramento histórico que levou ao AO90, os critérios e modelos de estudo utilizados para a nova proposta de vocabulário, uma explicação das palavras que levam ou não consoante, critérios ortográficos e estilísticos, e ainda um prontuário anexo com uma gramática fundamental e respostas às dúvidas mais frequentes. Destinado a todos os leitores,

# Linguista propõe vocabulário que concilie o novo e o antigo acordos ortográficos

*Um vocabulário que proteja a variedade da língua e resolva o conflito entre o Acordo Ortográfico de 1990 e a Norma de 1945. É esta a proposta do linguista e investigador D'Silvas Filho no Novo Vocabulário Ortográfico – Conciliador do Acordo de 1990 com a Norma de 1945. Um livro que reafirma a defesa das consoantes não articuladas, recusa palavras inventadas e evita ambiguidades. A edição Guerra e Paz, apoiada pela Sociedade Portuguesa de Autores, chega amanhã, dia 29 de Janeiro, às livrarias de todo o país.*



res, mas fundamentalmente a docentes, à comunidade académica e a governantes.

#### Síntese

O Novo Vocabulário apresentado neste livro aproveita o que o AO90 tem de positivo e mantém o que da equilibrada Norma de 1945 pode ou deve conservar-se, tendo em consideração o Vocabulário Comum (VOC) que deveria ter sido previamente realizado:

- Procura ser conciliador, numa solução de meio-termo.
- Considera fundamental que não se percam as virtualidades do idioma.
- Segue o critério do VOLP brasileiro de aceitar múltiplas duplas gra-

fias legais, permitindo a escolha livre do falante.

- Regista as palavras com as consoantes não articuladas quando existiam sem variantes na língua antes de 1990 e recusa taxativamente palavras inventadas depois.

- Evita ambiguidades e incoerências e recupera a distinção entre compostos e locuções.

- Não se desvia, na generalidade, do texto do AO90 e da Nota Explicativa.

- Considera que, enquanto houver países da lusofonia fiéis à ortografia de 1945, esta não pode ser condenada em Portugal.

#### Biografia do Autor

D'Silvas Filho é autor dos seguintes

livros: Prontuário – Erros Corrigidos de Português, obra que, com início de publicação em Agosto de 1994, já tem seis edições (Texto Editora); Prontuário Fácil (Texto Editora); Flávia e João (Mar de Letras); Histórias que o Avô Deixou (CSC. Reticências). É ainda co-autor do livro Grandes Dúvidas da Língua Portuguesa – Falar e Escrever sem Erros (Esfera dos Livros). Como autor textual, é sócio cooperador, de longa data, da Sociedade Portuguesa de Autores, sócio da Associação Portuguesa de Escritores e consultor do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (<http://ciberdúvidas.iscte-iul.pt>).

JUCIRIA RODRIGUES

**Qual é a estória por detrás do título “Ar condicionado”?**

Eu cresci em prédios e sempre sempre tive muita vontade de fazer um filme sobre esta rotina, tal e qual o Ery Claver que assina o filme, então basicamente segue uma personagem principal, que é o Matacedo, um guarda de um prédio, e a Zezinha, que é a empregada doméstica. E no mundo do filme, os ares-condicionados em Luanda estão a cair e não se sabe o motivo, e acontece é que o “big boss” do prédio, quer que o seu ar condicionado seja encontrado, e é em torno disso que o roteiro se desenrola.

**Que ganhos é que esta participação traz para a indústria de cinema angolana que ainda é incipiente?**

Eu nem diria que temos uma indústria, porque na verdade temos alguns filmes esporádicos que são produzidos, com muito custo para os cineastas e produtoras angolanas, porque infelizmente ainda não existe uma política de apoio ao cinema e a outras áreas culturais, então não podemos chamar de indústria. O que acontece é que um filme quando ganha visibilidade, seja a ir para uma exibição pública ou a um festival mais pessoas têm acesso, e por serem pessoas do ramo internacional, pode despertar o interesse de distribuidoras, levar o filme a mais salas de cinema lá fora, ou plataformas online ou inclusive outros festivais de cinema. No fundo os ganhos são a possibilidade do filme “viajar” mais e a possibilidade das pessoas questão envolvidas no filme, terem uma plataforma para apresentar o seu trabalho e até conseguir outros tipos de apoio e visibilidades para projectos futuros.

**Como é que o filme chega até ao Festival Internacional de cinema de Roterdão?**

A relação com o festival de Roterdão não começa depois determinado e enviado o filme, como muitas vezes acontece com alguns festivais. A relação com Roterdão começou em 2019, em que a Geração 80, a produtora do filme, foi convidada a ir ao festival, dentro de uma categoria que baseia-se em conhece produtoras africanas que estejam a desenvolver conteúdos audio-visual, até porque gostariam de discutir connosco como é que as nossas produtoras funcionam num contexto em que não há apoios para a cultura e foram seleccionados a Geração 80, uma produtora de Cabo-verde e outra do Quênia, para este convite nós fomos desafiados a mostrar projectos. E já tinha a ideia de fazer este filme há algum tempo que escrevi juntamente com o Ery Claver, então decidimos apresentar o projecto Ar Condicionado e o projecto foi crescendo, o festival tinha se comprometido em estrear o filme caso estivesse pronto em um ano e para além de mostrarmos o filme,

# Maior festival de Cinema europeu abre portas à produção angolana

*O realizador angolano, Fradique, fez no dia 25 de Janeiro de 2020 a estreia mundial da primeira longa-metragem de ficção produzido pela Geração 80 “Ar condicionado”, na 49ª edição do Festival Internacional de Cinema de Roterdão, onde também concorre na categoria de competição “Bright Future”.*

vamos estar em competição. Vai ser a estreia mundial lá com cinco exibições.

**Como funciona a programação?**

O Festival Internacional de Cinema de Roterdão é um dos maiores festivais da Europa, que durante dez dias recebe cerca de trinta mil pessoas, onde são apresentados cerca de quinhentos filmes, e por isso é que existem várias sessões do filme começando pela estreia; teremos a sessão só para imprensa, para profissionais do mundo do cinema e depois haverá mais três. Outra coisa interessante e muito forte neste festival é que a estreia do filme é aberta ao público, não é um acontecimento com glamour e pompa, é o uma estreia em que se dá destaque ao público e há este contracto entre as pessoas que fizeram o filme e público.



*No fundo os ganhos são a possibilidade do filme “viajar” mais e a possibilidade das pessoas questão envolvidas no filme, terem uma plataforma para apresentar o seu trabalho e até conseguir outros tipos de apoio e visibilidades para projectos futuros*



**Quais foram os custos associados a essa produção?**

Eu sou o realizador guionista do filme, mas o Festival de Roterdão deu uma quantia equivalente a cinco mil euros, mas isto é uma quantia mínima e o resto foi tudo investimento da Geração 80. A produtora com os seus recursos, equipamentos, pessoas e a contratação de outras pessoas deu vida a este filme.

**Qual tem sido a avaliação crítica para esta que é a primeira longametrage de acção da Geração 80?**

As reacções que estamos a ter são boas e positivas com relação ao filme e tem despertado o interesse em ver o filme, não só de pessoas em particular, mas também de outros festivais e distribuidoras, portanto, o que posso dizer é que tem sido boa. Com relação às críticas específicas, acho que vai começar este processo depois da estreia.



**Qual é a expectativa a volta da competição no IFFR?**

Por acaso não vou com a expectativa de ganhar prémios, o que atrai mais é o facto de estar a participar no festival, não só pela satisfação do festival que é, mas também pelos outros filmes e cineastas que lá estarão e o facto de poder partilhar com este mundo do cinema e um público de fora já é uma grande satisfação. E obviamente que logo a seguir, o que também anseio é começar a partilhar com o público de cá, porque apesar de achar que é uma estória que qualquer pessoa no mundo pode ver, é uma estória que só os angolanos vão entender especificamente, porque é uma realidade nossa.

**Qual é a sua opinião relativamente ao estado e futuro do cinema angolano?**

Neste momento tem muita gente com garra para desenvolver os seus projectos, pessoas individuais e colectivas que hoje em dia cada vez mais têm a preocupação que esses projectos sejam partilhados, mas ainda não existem um futuro muito certo, porque o cinema é uma coisa muito dispendiosa, que demora muito tempo e enquanto não for entrar no plano da cultura do país, será muito difícil de desenvolver aquilo que

as pessoas gostam de chamar de indústria do cinema, mas ainda não existe aqui... Existem filmes e projectos esporádicos, mas ter consistência só é possível quando se tornar uma prioridade e não dizendo que deve ser a maior prioridade, tendo em conta o estado do país, mas é impossível dar-se passos na cultura se só dependermos dos artistas.

**Como caracteriza o público angolano?**

É interessante, porque fizemos um casting, e a maior parte das pessoas diziam que mais ninguém viria porque ninguém queria fazer papel de guarda ou empregada, as pessoas querem fazer o papel de chefe, ou de super herói. Não consideram que um guarda ou uma empregada sejam personagens principais de uma história, isto também mostra o tipo de cultura cinematográfica que estamos a ajudar a construir, para já só vemos filmes americanos e quando fazemos filmes angolanos tentamos fazer uma cópia dos filmes que assistimos e eu acho que o mais importante quando se está a falar de cinema e de arte, para além da expressão do artista é sempre bom criar uma espécie de relação e empatia com o público e acho que vai ser importante para o público angolano começar a se rever nas telas.

LAURINDO  
VIEIRA

Quando cheguei ao cais, Lemba já tinha partido, embora já distante, ainda vi alguém, que da popa da pequena embarcação acenava. Levantei à mão e acenei também. Cabisbaixo, sentei-me num banco de madeira, junto ao embarcadouro, e permaneci quieto a olhar as águas calmas do mar, enquanto o pequeno barco era cada vez mais um ponto negro, à medida que a distância aumentava. Partira sem se despedir de mim, deixando no fundo do meu âmago, a solidão que aos poucos já me ia consumindo a alma. Entregue às minhas lucubrações, recordei-me de quase todo o seu passado, e de muitas das suas advertências, que para mim, mais pareciam lições de vida. «Nunca te esqueças que a vida tem contornos obscuros, difíceis de decifrar, e que as relações humanas são, quase sempre, marcadas por alguma hipocrisia». Ela sabia a razão de tais palavras. Na verdade, nunca me preocupei com tais advertências. Aliás, nunca ninguém assumira a hipocrisia como uma forma de ser. «A negação da hipocrisia é a maior de todas as virtudes, pois todos somos hipócritas em algum nível», já afirmara Friedrich Nietzsche (1884-1900), em tempos idos...

Apesar da escuridão que já começava a ensombrar o dia, eu permanecia no cais, a apreciar as águas calmas do atlântico, enquanto pensava em tudo o que tinha sido a sua vida. Os anos tinham transcorrido, mas Lemba continuava a mesma pessoa. Não mudara. Era enigmática, prisioneira de si própria. A melancolia que carregava no olhar prestava-lhe um ar de mulher sofredora e cansada. Denotava-se, na sua estrutura corporal, um relativo envelhecimento. Os seus olhos, outrora castanhos, há muito tinham perdido a sua cor natural. Durante anos chorou desconsolada, no silêncio de uma vida marcada pela tragédia, o infortúnio da felicidade utopicamente conquistada. Dificilmente, esboçava um sorriso, dizia não ter razões para sorrir.

Recordo-me que as crianças do bairro diziam que era louca, enquanto os mais velhos acreditavam que enlouquecera no mesmo ano em que, o marido fora morto por um grupo de homens armados, velhos companheiros, cúmplices durante muitos anos, dos mesmos propósitos, das mesmas esperanças e utopias. A partir daquele dia, nunca mais fora a mesma, e vivia enclausurada no seu mutismo sepulcral, vivendo na penumbra da vida, expulsa da história e transformada em



zero, pelos herdeiros da história, outrora seus amigos. Se os seus amigos tivessem, algum dia, lido *Viagem pela Alma Humana*, livro do sociólogo, italiano, Francesco Alberoni, teriam compreendido, que «na amizade, não podemos apregoar uma coisa e fazer outra. Na amizade, os pactos são respeitados, a confiança é merecida. A amizade tem de ser leal, sincera, límpida. O amigo tem de querer o bem do amigo, não por palavras, mas concretamente». Infelizmente, em cada momento da vida, a história tem outras «histórias», que a história nem sempre regista. E foi o que aconteceu à Lemba.

No cais, longe da vista, o pequeno barco já há muito desaparecera, mas eu continuava sentado no embarcadouro a consumir a ausência de Lemba, e a meditar sobre as razões da sua partida, num dia de sol aberto, com um mar que mais parecia um manto de cristal, onde o sol se espreguiçava sonolento. É como se Lemba tivesse partido para Pasárgada (Manuel Bandeira, 1930), a terra da felicidade.

Recordo-me, como se fosse hoje, durante o tempo que permaneci no cais, talvez à espera, que um dia Lemba regressasse, para que todos, juntos, homens, mulheres e crianças, pudéssemos erguer o futuro que há muito almejávamos. Durante dias, permaneci nos espaços perdidos da vida, na Ilha de Luanda, sentado à beira mar, a olhar os navios que embelezavam a imensidão do mar, e ao pôr-do-sol, acantonava-me na “floresta da ilha”, a consumir a ausência do espaço que Lemba ocupava, na geometria do tempo. Um tempo em que a alegria era uma falsidade metamorfoseada, que já ninguém sabia definir. A tragédia humana era forte. Nos óbitos, já não se choravam os mortos, mas a tragédia dos vivos. O vento e as ondas do mar confundiam-se com o pranto das crianças, enquanto a beleza da vida contrastava com o

signo da falsidade e da cobardia travestida de heroísmo. Nas cidades e musseques, homens e mulheres percorriam os labirintos da vida, numa procura constante do elixir da sobrevivência. Nas tascas, os ébrios já descrentes, socorriam-se das delícias do quimbombo, para justificarem às lógicas do seu falhanço social, enquanto os sóbrios embriagavam-se com as promessas dos que ditavam a sorte da vida. Ainda assim, outros, agarrados à «Caixa de Pandora», apodreciam nos esquemas da fé, da crença nos dízimos, orando para que os milagres ditados pelos homens não tardassem.

Antes da tragédia que sobre Lemba se abatera, recordo-me, que frequentemente perguntava-me, se eu acreditava no amor. Eu não tinha respostas concretas para ela. Sempre pensei que amar era gostar das coisas simples da vida, e sentir o orvalho da manhã nas trevas do coração. Acreditava, que amar era o mesmo que lutar contra a podridão da vida, sentir saudades do tempo, do sol, da terra, das coisas supérfluas, e do nada. Também me questionava sobre a felicidade, se eu sabia o que era a felicidade. Eu olhava para ela e me perdia nas lucubrações de um tempo indefinido, quando ainda vivia no Quitexe, minha terra natal, onde os cafezais floresciam, e espalhavam pela paisagem verdejante dos montes, a brancura das suas pétalas desabrochadas em formato de estrelas. Era lindo, o cântico das aves, a brisa da tarde sobre os cafezais, tudo tinha um feitiço avassalador. Felicidade! Como podia explicar o que era a felicidade, se eu vivia de utopias constantes, como podia ter sido feliz, se nunca me prendia às coisas que fazia! Na verdade, nunca soube o que era a felicidade, e nem sabia se fui feliz algum dia. Para mim, a felicidade era tudo o que se tinha, ainda que não tivéssemos nada. Não aprendi a viver de grandezas, nem

de opulências, preferi sempre a beleza da poesia, e o encanto da prosa sobre os sentidos ébrios de amor. Quantas vezes nos alegamos pelos sonhos que alimentávamos. Às vezes, bastava sonhar com o amanhã, para nos sentirmos felizes. Já Fernando Pessoa (1888-1935) dizia, «só o que sonhamos é o que verdadeiramente somos, porque o mais, por estar realizado, pertence ao mundo e a toda a gente».

Trinta anos depois, eis-me aqui, na estrada da vida, já sem folego, mas ainda assim, com alguma força para rebuscar no passado, tudo o que um dia, contigo aprendi. Olho para trás e revejo, as árvores que plantei um dia, mas cujos frutos na colhi. Revejo também, as pontes por onde passei, e as barreiras que outros ergueram, para que me estatelasse pelo caminho, mas levantei-me e prossegui. Eis-me aqui! Nos vários caminhos da vida, aprendi que nem todos os sorrisos são verdadeiros, e que nem todos os sonhos se convertem em realidade. Abraços, são importantes, mas nem todos são aconchegantes. Aprendi, ainda, que um inimigo declarado, também nos “ajuda” a crescer, pois aguça o nosso génio para a sobrevivência.

Sei que plantaste amor nos jardins recônditos da vida, apesar de nunca teres esboçado sorrisos. Apesar de teres vivido enclausurada no teu mundo, aprendi contigo, que viver rodeado de gente, não significa necessariamente, estar bem acompanhado. Hoje, já não vivo da ingenuidade da vida, aprendi a duvidar de tudo, das coisas do mundo, da natureza, até da sensualidade do voo das gaivotas sobre o mar. Hoje, já nada me prende, libertei-me de tudo, das amarras dos amores, libertei-me das raízes que me prendem à terra, e embora tenha perdido a noção do tempo, e da essência das coisas, ainda vivo numa relação esquizofrénica entre o que fui e o que sou, sem necessidade de ser...

# Angola e Mali

## Cooperação cultural em vista

*A ministra de Estado para a Área Social, Carolina Cerqueira, reafirmou, recentemente, em Addis Abeba, capital da Etiópia, as perspectivas de cooperação entre Angola e o Mali no domínio da cultura e das artes.*

A convite da ministra da Cultura do Mali, Diaye Rama Diallo, Carolina Cerqueira foi a convidada de honra numa exposição de uma tenda touarage, que representa a riqueza cultural dos povos do deserto do Sahel e a sua diversidade linguística e artística.

Reafirmou os lados de amizade e fraternidade entre os dois países, tendo ressaltado o engajamento comum do Mali e de Angola por uma cultura africana ao serviço do desenvolvimento, da paz, da integração e da coesão do continente.

Referiu também que a promoção da cultura africana passa pela valorização do património natural e cultural dos Estados-Membros da UA, fonte de recursos e de projeção da realidade das sociedades africanas, tendo-se regozijado pelo facto de a cidade histórica de M'banza Kongo ser Património da Humanidade.

A ministra referiu que Angola está engajada na protecção do património mundial, que constitui uma premissa indispensável para o desenvolvimento sustentável das comunidades, alertando, contudo, que a sua preservação e conservação requerem atenção especial e uma mobilização colectiva e de inovações que tragam resultados a favor do bem-estar das comunidades, em conformidade com as recomendações da Agenda 2063 da UA.

No passado domingo, à margem da 33.ª Cimeira da UA, realizou-se um encontro de alto nível, promovido pelo Presidente do Mali, Bou-bacar Keita, que contou com a presença de Chefes de Estado e de Governo, ministros e representantes da Unesco e da UA. A Primeira-Dama, Ana Dias Lourenço, e a ministra de Estado, Carolina Cerqueira, participaram no encontro como convidadas de honra.

### Urbanização

A ministra de Estado para a Área Social, Carolina Cerqueira, procedeu, igualmente, em Addis Abeba (Etiópia), a apresentação do programa e da estratégia nacional de urbanização e habitação em execução do país.

A governante, na qualidade de oradora principal da conferência sobre as realidades urbanas africanas: melhores cidades para um continente com mais integração e paz, uma iniciativa da Nova Parceria para o Desenvolvimento dos Estados Africanos (NEPAD), afirmou que o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) 2028/2022 contém a estratégia de desenvolvimento urbano, social, económico e territorial.

Indicou que a estratégia de desenvolvimento urbano ocupa um lugar prioritário na agenda do Executivo, tendo em conta a melhoria da qualidade de vida das populações e nas comunidades.

De acordo com Carolina Cerqueira, que deu como exemplo o facto de estar em execução nas principais cidades angolanas a construção de aglo-

merados urbanos habitacionais (centralidades), o país tem registado um aumento de acções ligadas ao processo de urbanização e a melhoria dos serviços sociais básicos ao dispor das comunidades.

Informou que a intenção é garantir a inclusão, integração, melhor mobilidade de pessoas e bens e a concentração de serviços sociais, de saúde, educação, saneamento básico, vias de acesso e melhores infra-estruturas habitacionais.

Carolina Cerqueira destacou o facto de a execução da estratégia contar com a participação de instituições públicas, do sector privado e da sociedade civil, como forma de garantir um desenvolvimento sustentável, a paz social e a resiliência face aos desastres naturais e ecológicos.

Aproveitou a oportunidade para dar a conhecer o programa de emergência que Angola desenvolveu para fazer face à seca que atingiu a região sul/sudoeste do país, com a edificação de projectos estruturantes nos

domínios das águas (barragens e respectivos canais adutores). A ministra, que se encontra na Etiópia a convite da União Africana (UA),



*Referiu também que a promoção da cultura africana passa pela valorização do património natural e cultural dos Estados-Membros da UA, fonte de recursos e de projeção da realidade das sociedades africanas, tendo-se regozijado pelo facto de a cidade histórica de M'banza Kongo ser Património da Humanidade.*



manifestou o engajamento do Governo para a melhoria das condições sociais básicas.

A governante angolana fez também referência ao aumento da população urbana em África que, no seu entender, requer dos decisores políticas realistas que possam responder ao ritmo rápido das dinâmicas da urbanização.

Apontou que a nível africano existem 222 grandes cidades com mais de 300 mil habitantes e 724 aglomerados com mais de um milhão de habitantes.

Em Angola, apontou, a cidade de Luanda (capital do país) é a que mais tem crescido, contando actualmente com mais de 10 milhões de habitantes. Ainda nesta sexta-feira, Carolina Cerqueira participou no debate sobre economia azul: o seu papel no desenvolvimento comunitário, na defesa do ambiente, prevenção contra desastres e utilização dos recursos, numa promoção da representação marroquina.





## Investigador aborda papel do património cultural na reabilitação urbana

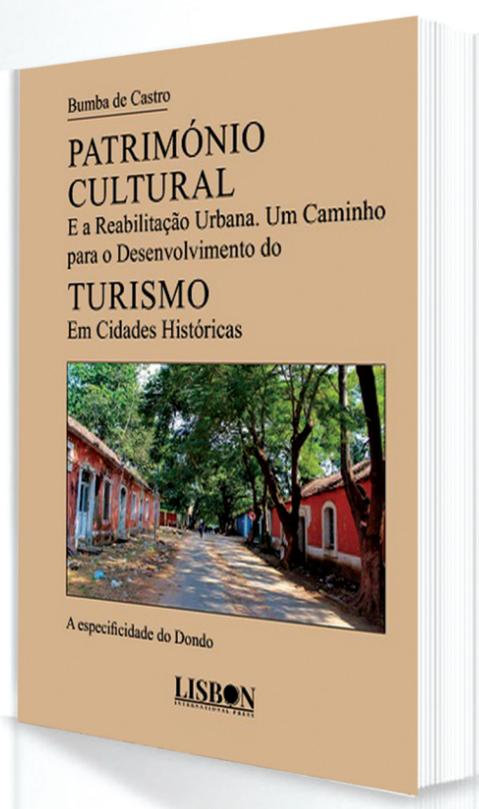
A investigação proporcionou a definição de uma estratégia de desenvolvimento turístico e permitiu concluir, por um lado, que o património cultural é o elemento principal a considerar na elaboração e prossecução dos planos de reabilitação urbana e de desenvolvimento turístico em cidades históricas como o Dondo

O Docente Universitário Bumba Manuel de Castro apresentou recentemente, em Lisboa, a obra “Património Cultural e a Reabilitação Urbana. Um Caminho para o Desenvolvimento do Turismo em Cidades Históricas”.

A obra, de acordo com o autor, retrata como o património cultural pode ser um “chamariz” no desenvolvimento do Turismo em cidades históricas.

A dimensão identitária do património cultural é um instrumento impulsionador de desenvolvimento de projectos em cidades históricas, visando a conservação e a geração de mais-valias económicas, sociais e ambientais. Por essa razão, o património cultural arraigado nos centros históricos é frequentemente visto como indutor de planos de desenvolvimento local, em que o turismo ocupa uma posição de destaque.

No livro, o autor aborda o contributo do património cultural no desenvolvimento do turismo e a sua capaci-



Para o cumprimento desses objectivos, importa que haja outra abordagem pública no sentido da promoção da intersectorialidade e de uma melhor articulação dos subsectores do turismo para o devido alinhamento entre a estratégia e a operação.

dade de criar oportunidades de revitalização dos territórios económico e socialmente deprimidos com vista a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes.

Resultado da sua tese de doutoramento, o autor desenvolveu, na primeira parte da livro, uma contextualização por meio de um enquadramento teórico-conceitual para compreender melhor as dimensões do estudo: património cultural, cidade histórica e turismo, através de uma pesquisa bibliográfica e documental que remete à abordagem em torno da génese, características e processo evolutivo.

A segunda parte é reservada ao estudo do caso, através da análise e tratamento dos dados e informação recolhidos com o trabalho empírico realizado, onde procedeu-se a aplicação de inquéritos por questionários aos residentes e aos visitantes, assim como entrevistas aos responsáveis do sector público, nas diferentes escalas. A investigação proporcionou a definição de uma estratégia de desenvolvimento turístico e permitiu concluir, por um lado, que o património cultural é o elemento principal a considerar na elaboração e prossecução dos planos de reabilitação urbana e de desenvolvimento turístico em cidades históricas e, por outro, que para a salvaguarda da cidade histórica do Dondo e melhoria das condições de vida dos seus residentes é fundamental a adopção de modalidades turísticas de base cultural que sejam alternativas à massificação. Para o cumprimento desses objectivos, importa que haja outra abordagem pública no sentido da promoção da intersectorialidade e de uma melhor articulação dos subsectores do turismo para o devido alinhamento entre a estratégia e a operação. A expectativa com a elaboração da presente tese é de contribuir para ajudar a solucionar constrangimentos actuais e posteriores por via da conjugação de valências mútuas dos sectores do turismo e da cultura, perspectivando resultados satisfatórios multiformes. Com isso, o autor espera que, acima de tudo, haja um novo entendimento no país sobre a cultura e o património cultural e a sua relação com a actividade turística

Editada e publicada sobre a chancela da Lisbon International Press, a obra foi, primeiramente, apresentada e comercializada em Lisboa e será, posteriormente, em Luanda.

Bumba Manuel de Castro, licenciado em Direcção e Gestão Hoteleira pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, especialista em Administração de Empresas Turísticas e de Lazer pela Universidade Politécnica de Madrid e Doutorado em Turismo e Cultura, pela Universidade de Coimbra. É quadro sénior do Ministério do Turismo, em que exerce a função de Consultor da Ministra. É também professor universitário, leccionando em cursos de licenciatura e mestrado. Tem desenvolvido trabalhos de investigação ao nível do turismo, património cultural e desenvolvimento regional e urbano, tendo produzido vários artigos sobre estas temáticas. De igual modo, tem ministrado palestras, seminários e participado em eventos nacionais e internacionais sobre o turismo e sectores afins.

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

O Museu do Quai Branly - Jacques Chirac se concentrará até 29 de Março de 2020 nas formas que o ferro pode assumir na cultura africana e na maneira como representa uma sociedade. Um candeeiro a óleo com motivos sagrados, um bastão de remédios com múltiplos poderes, um machado cerimonial com acabamentos delicados. A exposição "Ferro impressionante, a arte dos ferreiros africanos" apresenta, portanto, 230 obras, de grande variedade de género, feito entre o século XVII e os tempos contemporâneos.

Foi o escultor americano Tom Joyce, acompanhado por um comité científico, que reuniu essas obras, de colecções públicas e privadas. Antes de encontrar seu lugar no Museu do Quai Branly - Jacques Chirac, a exposição foi apresentada em Los Angeles, depois em Washington, em 2018 e 2019.

Por mais de dois milénios, o continente africano é um mestre na arte de forjar ferro. Este material, um dos principais recursos naturais do nosso planeta, revolucionou verdadeiramente a África e ajudou a moldar a identidade de suas comunidades.

#### Técnicas específicas para cada pessoa

Essas criações, às vezes com mais de 2.500 anos, são o símbolo de diferentes culturas. De geração em geração, as pessoas transmitem o seu conhecimento, enriquecendo-o e sempre aprendendo mais técnicas para derreter, torcer e dar vida a esse metal. Os ferreiros, adulados e temidos, aprenderam ao longo dos séculos como trabalhar ferro, dando-lhe um lugar essencial nos seus aspectos práticos e simbólicos.

No total, são artesãos de mais de cem populações diferentes, espalhadas por 19 países da África Subsaariana, que forjaram as peças apresentadas nesta exposição. Cada povo tem os seus próprios segredos. Por exemplo, entre os Dogon, no Mali, os sinos são instalados no topo da pista de dança, para permitir que chamem os espíritos. Entre os Mumuye, na Nigéria, os indivíduos que fazem chuva usam varas cujo ferro é feito aos ziguezagues, lembrando relâmpagos ou o rápido movimento de cobras. Tanta prova tangível de várias centenas de anos de



## Ferro em destaque no Museu do Quai Branly - Jacques Chirac

LE POINT STORIES

*O museu está interessado na arte de ferreiros na África. Esta nova exposição apresenta uma grande diversidade de obras, reflexões do talento e a perícia técnica desses mestres do fogo.*



rituais e domínio de know-how.

#### Uma perspectiva artística, social e cultural

A exposição, portanto, destaca os desenvolvimentos relacionados ao trabalho do ferro e tende a mostrar até que ponto esse material reflecte os

costumes e hábitos dos diferentes povos da África.

O objectivo? Trazer uma luz artística, social e cultural a esta arte africana.

*Poema de Mutambi Wa Cimene*

### FINA CHUVA E GROSSA

Chove em Lohanda, fina chuva e grossa  
Chove em Lohanda, nas batukadas da banda  
São lágrimas de kianda, lamúrias do mar  
Mar repleto empantorrado, revoltado mar  
Chove fina e grossa, chove na sanzala

Estradas fecundadas,  
picadas empantorradas  
Luandéééééééé!...  
Cidade envergonhada...  
Putridão nas calçadas, esquinas e avenidas

Luandéééééééé!...  
Cidade abandalhada...

De kianda Lohanda,  
no mar fluendo batukadas  
choros paridos na sanzala,  
mussekes nossos e bualas  
- Como corre a vida nas bualas?  
Em nossos bairros de lata,  
Musseques nossos de chapa  
nossos lugubres subúrbios,  
valdevino mundo...  
Como anda meu povo,  
no mar o olhar do polvo?  
Chove fina chuva e grossa  
Lohanda menina envergonhada...

É chuva lágrimas de kianda  
Chuva que mata, chuva  
que a cidade inunda  
É chuva que alimenta,  
chuva que ao relento dos deixa  
Chove em Lohanda, avenidas e calçadas  
no Katambor, Maianga e Samba  
Chuve em Viana, Morro Bento e Prenda  
É chuva em Lohanda,  
nas nádegas de kianda  
Fina chuva e grossa,  
No Panguila, Sambila e Cacuaco  
Chuva na Zango, Sequele e Mutamba  
Chuva faz riachos, verte descompassos  
Chove na sanzala, fina chuva e grossa.

*Luanda, 28.03.2014*



# Morreu Kirk Douglas última lenda de Hollywood

*A estrela de Hollywood morreu a 5 de Janeiro, aos 103 anos, após um século de vida dedicada principalmente ao cinema e à escrita. "Para o mundo, ele era uma lenda (...), mas para mim e meus irmãos, Joel e Peter, ele era simplesmente um pai", explicou o filho Michael Douglas.*



Ele era a própria personificação do sonho americano: filho de imigrantes pobres que falavam inglês pobre, acabou por se estabelecer como uma lenda do cinema americano, a última grande estrela da era de ouro de Hollywood, Oscar honorário em 1996 "por 50 anos de força criativa e moral na comunidade cinematográfica".

Analfabetos, seus pais, Hershel e Bryna Danielovitch, fugiram da Bielorrússia, do anti-semitismo e seus pogroms, em 1908, para inventar uma vida melhor no Novo Mundo. Em 9 de Dezembro de 1916, em Amesterdão, uma cidade industrial no estado de Nova Iorque, nasceu Issur, o único menino do casal que tinha seis filhas.

"No crepúsculo da minha vida, sinto-me culpado por ter abandonado o nome de Issur Danielovitch", escreve Kirk Douglas, em seu livro *Let's Face it*. No entanto, seus próprios pais mudaram seus nomes para se integrem melhor na sociedade americana: Hershel, trapaceiro, tornou-se Harry Demsky e Bryna, Bertha. As crianças são criadas numa rígida tradição judaica. Os tempos são difíceis. Como muitos pequenos ianques, Issur entrega garrafas de leite antes de ir para a escola e vende jornais na rua.

## Nunca ganhou um Óscar

Ele ganhou uma bolsa para ir para a universidade como campeão de luta livre, mas sonhava em ser actor. Treinado na Academia Americana de Arte Dramática, em Nova Iorque, viu sua estreia no palco interrompida pela guerra que travou na marinha. Lauren Bacall, camarada da escola de teatro, abre as portas dos castings de Hollywood para ele. Depois de alguns filmes, ele se tornou uma estrela com o seu papel em *O Campeão*, que lhe rendeu uma primeira indicação para o Óscar de Melhor Actor - um prémio que ele nunca venceria apesar de três indicações.

Kirk Douglas acreditava que o seu sucesso se devia a "um pouco de talento, muita saúde e ainda mais sorte". É para esquecer rapidamente o



seu trabalho duro. Para *O Campeão*, ele entra no ringue contra boxeadores de verdade, sem forro; para outros papéis, ele passará várias semanas num jornal e numa delegacia de polícia, aprendendo a tocar trompete, a fazer malabarismos e até a fazer o trapézio voador.

Ele entra em filmes com os maiores directores: Billy Wilder, Howard Hawks, King Vidor, Vincente Minelli, Stanley Kubrick (*Spartacus*), Richard Fleischer, Elia Kazan.

Um actor que sabia correr riscos. Ele seduz com seu jogo feroz e optimista. "Brincar é uma profissão para crianças. Você tem que manter a sua ingenuidade, as suas qualidades infantis, e isso o torna vulnerável. Os actores não estão preparados para se tornarem estrelas e, para alguns, a transição não é fácil. Eu acho que sabia como me adaptar." Kirk Douglas assume riscos, passa de um género para outro (comédia, drama, aventura) sem temer pela sua imagem.

"Como ousa interpretar um covar-

de que comete suicídio?", Perguntou-lhe John Wayne após o papel de Van Gogh. Apesar do seu sucesso, ele não tem uma reputação muito boa nos estúdios. "Produtores, directores às vezes reclamam de mim com um suspiro: Oh! ainda actor que pensa!" Em 1954, fundou sua própria produtora; torna-se activista democrata e investe nos filmes mais comprometidos que interpreta. No auge do McCarthismo, ele credita Dalton Trumbo em *Spartacus*, um roteirista da "lista negra". "É a única coisa heróica que fiz na minha vida!"

## Retorno ao judaísmo

Desde o primeiro casamento com a actriz Diana Dill, nasceram Michael, futuro grande actor de Hollywood, e Joël; com Anne Buydens, com quem viveu até o fim de sua vida, teve Peter e Éric. Na década de 1970, ele tentou dirigir, principalmente, a *Brigada do Texas*, um oeste que desmistifica o oeste heróico. Surgiu *Furie* com Brian de Palma e *Nimitz*, retornando

ao inferno de Don Taylor.

Após um acidente de helicóptero ao qual ele milagrosamente sobreviveu em 1991, retornou ao judaísmo e reduziu as actividades cinematográficas. Levei todos estes anos para entender a beleza e a verdade desses textos sagrados que os meus professores me fizeram recitar mecanicamente. "Apesar de um acidente vascular cerebral em 1994 e um ataque cardíaco em 2001, concordou em criar em uma bela família ao lado de seu filho Michael transformou numa estrela o seu neto Cameron em 2003, mas ainda traz no rosto a morte do seu filho mais novo por overdose. "Eric teve muitos problemas, e eu talvez fosse um deles... É uma perda que nunca desaparece.", escreveu num livro de memórias, *Let's Face it*, o último dos seus trabalhos, publicado em 2006. Escritor de ficção, Kirk Douglas teve um sucesso mundial em 1988 com *O Filho do Carpinteiro*, o primeiro volume de memórias publicado. em quatro volumes.

**N**a última tarde da sua vida, quando depois do costumeiro almoço de fungi e quizaca se estendeu na esteira para gozar a sesta, o velho Caxombo sonhou com o mar. Mas ao acordar já não se lembrava disso, e mesmo que se lembrasse não teria atribuído ao facto importância alguma. Para ele, que fora criado por um branco e pensava em português, o mar era apenas o mar.

Assim, e até quase à hora do sol-pôr, esse dia foi para o velho Caxombo igual a todos os outros. Já há oito anos tinha aquele emprego como guarda de uma pequena estação de empalhamento de cobras, em pleno sertão da Quissama. Fora o professor Silva Franco que lhe obtivera o lugar, salvando-o assim de morrer na miséria, pois Caxombo estava a dobrar o cabo dos sessenta e deixara de poder exercer com a agilidade requerida o seu antigo mister de carregador de mochilas. Agora envelhecia tranquilamente, entregue à íntima e minuciosa tarefa de imaginar a sua própria morte. Via-se a morrer de muitas maneiras, convicto de que se as conseguisse idear a todas nenhuma delas se concretizaria. Mas, a despeito de tal obsessão, não intuiu nem naquele dia nem nos que o precederam quaisquer sinais aziagos.

Ao velho Caxombo aquele ofício de guarda pesava pouco, pois a Estação situava-se em lugar remoto e o gentio das redondezas era pacato e sem cobiça. De tempos a tempos o professor Silva Franco aparecia no local, acompanhado por um mulato de nome Souza, e nessas alturas o velho Caxombo ajudava os dois a bater o mato à caça de cobras raras. Mas a maior parte dos dias passava-os ele sem ocupação alguma, entretido tão-somente a imaginar as circunstâncias em que ocorreria o seu próprio falecimento.

Naquela tarde, portanto, o velho Caxombo despertou de sua sesta com a quietude de sempre e sem se lembrar que sonhara com o mar. O sol declinava quando, numa angústia crescente, se deu conta de que qualquer coisa estava errada. Qualquer coisa estava errada e ele não sabia o que era. De súbito compreendeu: o silêncio enchia tudo. Um silêncio espesso como uma noite sem lua. Não havia pássaros. Todos os pássaros se tinham ido embora.

O velho Caxombo saiu para o meio do capinzal fazendo um enorme esforço para escutar fosse o que fosse. Ao princípio conseguia apenas distinguir o sussurro da brisa a enrosçar-se no capim. Depois, pouco a pouco, começou a perceber um crepitar abafado; um ruído distante mas cada vez mais firme.

Trepou a custo até ao topo de um morrozinho fronteiro e daí alargou os olhos pela planície. Na direcção de onde vinha o ruído o capim arfava, para baixo e para cima, animado por uma força que não podia ser a do vento.

“Quissondes!”, exclamou o velho. E viu-os um por um, milhões de pequenos assassinos ansiosos, a progredi-



## Velho Caxombo sonhou com o mar

*Ataque de Quissondes – um dos laboratórios experimentais do ilustre professor Carlos Eduardo Noronha de Mello e Silva Franco, na Quissama, foi completamente devastado por um ataque de formiga vermelha. Segundo o professor Silva Franco, que se encontra em Angola ao serviço da Real Sociedade Britânica de Zoologia, os quissondes devoraram uma colecção de ofídios embalsamados que lhe haviam demorado oito anos a completar. No desastre pereceu ainda o guarda do laboratório.*

*in “A Gazeta de Loanda” de 20 de Março 1901*

rem, rápida e inexoravelmente em direcção a si. Primeiro ocorreu-lhe lançar fogo ao sertão. Mas era a época das chuvas e o capim estava verde, dificilmente arderia. Fugir também não era possível. Ele estava velho, muito velho e o corpo não suportaria o esforço. “Aqui está”, pensou desesperado, “uma morte que nunca imaginei”. Entrou para dentro de casa e fechou a porta. “Não!”, gritou alto e com raiva, “não vou morrer assim!”.

Dentro em pouco as formigas começaram a penetrar por baixo da porta, pela janela quebrada, por todas as fendas, buracos e interstícios da pequena casa. “Resta-me pouco tempo”, murmurou o velho, e pôs-se a procurar no armário um veneno qualquer. Se tinha de morrer morreria ao menos de uma forma rápida e menos estúpida. Então, de repente, deu com o garrafão de ácido sulfúrico e começou a rir. Não, não morreria! Sempre a rir pegou em quatro alguidares, dos grandes, colocou cada um deles debaixo dos pés da pesada mesa da sala, e distribuiu por todos o conteúdo do garrafão. Depois, serviu-se generosamente de vinho, de fungi e de peixe seco e trepou para o tampo da mesa, disposto a enfrentar o cerco dos quissondes.

Os primeiros apareceram por debaixo da porta, isolados e tontos, farejando o ar com as compridas antenas. Corriam em círculos, paravam e corriam de novo, e o velho Caxombo conseguia ver

distintamente a forma como moviam as pinças, entrechocando-as, como um açougueiro a amolar as facas.

Desvairadas com a presença do velho trepavam aos montões pelos alguidares, para logo recuarem, atingidas pelas emanções do ácido. Caxombo, com uma garrafa de vinho na mão, ria-se em gargalhadas histéricas, cuspiam nas formigas e troçava delas: “Ninguém come o velho Caxombo”, gritava com o gargalo meio enfiado na boca, o vinho escorrendo-lhe pelo queixo, “Caxombo é muito mais espertíssimo que as formigas...”.

Não foi.

Mas só demasiado tarde se apercebeu disso. Os quissondes haviam começado a escalar as paredes e corriam decididos pelo teto, concentrando-se exactamente por cima da mesa onde o velho continuava a rir e a beber. Ao dar por que as formigas trepavam pelas paredes, Caxombo seguiu-lhes com os olhos o trajecto e o riso morreu-lhe nos lábios, subitamente sem sangue. Os insectos tinham-se enovelado em grades bolas sobre a sua cabeça e uma delas oscilava já, prestes a cair. Então Caxombo dobrou-se sobre si mesmo, como um bicho-de-conta, e enterrando a cabeça entre as mãos fechou os olhos.

“Estou a sonhar”, gemeu baixinho, “é claro que estou a sonhar.”

**José Eduardo Aqualusa, in A Feira dos assombrados e outras estórias verdadeiras e inverosímeis**



MÁRIO PEREIRA

## NGANDENZOJI

Omuhatu wangimono wangi-xukulula Eme okituxipe, kingakijiyami Se mukonda wandala ngimuzola Se mukonda ukumbu wangivulu Se mukonda ngamwandalami Se mukonda omukutu umuteketa Mukufikila ngandala kumukwata!

Eme okituxipe, kingakijiyami!

Omuhatu wixi ngamwandalami Kuma ngolodituna kumuxaxata Ni muxima wami, ni mesu mabata Okubata jalakwa miwixiute-ta Yoso ingitangela kuma ngwami

Sumbala muxima wami watulu

Kutandu dya muxima we udi-kola Wixi: ngandala ukala u muzo dyami Ni ngitene kudinanza ngatululuka!



## A MULHER QUE OLHOU PRA MIM

*Revirou os olhos a mulher que olhou pra mim/E não sei por qual motivo/Se a causa é querer que a ame/Se a causa é a minha excessiva vaidade/Se a causa é o não gostar dela/Se a causa é o tremor do seu corpo/Por supor que a quero agarrar!/Eu não sei porquê!/A mulher disse que não gosto dela/Visto que me nego de apalpá-la/Com o meu sentimento, com os olhos que guardam/O meu fingimento, dizendo que encobre/Tudo o que nego/Apesar de o meu coração ter pousado/Sobre o seu coração que clama/Dizendo: quero que sejas o meu amor/Para que possa gabar-me de estar em paz!*